

## SOBRE A COOPERAÇÃO

*Benedito (Bené) Anselmo Martins de Oliveira<sup>1</sup>*

Parece-me que não prestamos suficiente atenção à cooperação. É pouco provável que todos compreendam que agora, a partir da **chegada ao governo de um grupo que se preocupa, de fato, com a questão da pobreza e da concentração de renda e poder**, a cooperação adquire no nosso país uma importância verdadeiramente excepcional. Nos sonhos dos velhos cooperadores há muito de fantasista. Frequentemente são ridículos porque fantásticos. Mas em que é que consiste o seu caráter fantástico? Em que as pessoas não compreendem a importância fundamental, essencial, da luta política da classe operária para derrubar o domínio dos exploradores. Atualmente no nosso país esse derrubamento, **iniciou sua trajetória**, e muito daquilo que era fantástico, mesmo romântico e mesmo trivial nos sonhos dos velhos cooperadores, torna-se uma realidade não disfarçada.

Com efeito, uma vez que o poder de Estado está nas mãos de **um presidente com origem na classe operária** e uma vez que a este poder de Estado pertencem, **alguns meios de produção e os mecanismos para geração de políticas de desenvolvimento**, só nos resta efetivamente a tarefa de cooperativizar a população. Conseguindo a máxima cooperativização da população, realiza-se por si mesmo aquele socialismo que anteriormente suscitava legítimas zombarias, sorrisos e uma atitude de desprezo por parte daqueles que estavam justamente convencidos da necessidade da luta de classes, da luta pelo poder político, etc. Pois nem todos os camaradas se apercebem da importância gigantesca, incomensurável, que adquire agora para nós a cooperativização **do Brasil**. Na **nossa proposta de política de desenvolvimento estamos contemplando o micro e pequeno comerciante e produtor privado**; daí precisamente decorre (ao contrário do que alguns pensam) a enorme importância da cooperação. No fundo, tudo aquilo de que necessitamos é de cooperativizar a população **brasileira** em grau suficientemente amplo e profundo **com a aliança de nossa política de desenvolvimento**, pois agora encontramos o meio de combinar os interesses privados, os interesses comerciais privados, da sua verificação e **apoio do Estado**, o meio da sua subordinação aos interesses gerais, o que anteriormente constituía um escolho para muitos e muitos socialistas. Com efeito, o poder do Estado sobre **os mecanismos principais de geração de políticas de desenvolvimento**, o poder do Estado nas mãos de **um presidente que saiu do proletariado**, a aliança deste **presidente com muitos milhões de pequenos e muito pequenos produtores rurais e urbanos**, a garantia da **participação na direção dos projetos locais de desenvolvimento dos trabalhadores rurais e dos micro e pequenos empresários**, etc., não é isto tudo o que é necessário para edificar a sociedade socialista integral a partir da cooperação, a partir apenas da cooperação, que antes desprezávamos como mercantilista e que também agora, sob **essa nova proposta de desenvolvimento**, temos o direito de desprezar sob um aspecto, não será isto tudo o que é necessário para a construção de uma sociedade socialista completa? Isto não é ainda a construção da sociedade socialista, mas tudo isto é necessário e suficiente para essa construção.

Pois esta circunstância é subestimada por muitos dos nossos funcionários ocupados no trabalho prático. Entre nós olha-se a cooperação com desprezo, não se compreende a importância excepcional que esta cooperação tem, em primeiro lugar no aspecto de princípio (a propriedade dos meios de produção nas mãos do Estado), em segundo lugar no aspecto da passagem para uma nova ordem pelo caminho mais *simples, fácil e acessível para o camponês*.

E nisto reside, uma vez mais, o principal. Uma coisa é fantasiar sobre toda a espécie de associações operárias para a construção do socialismo e outra é aprender na prática a construir esse socialismo, de tal modo que *cada* pequeno camponês possa participar nessa construção. Já

<sup>1</sup> Professor e membro da ITCP da UFSJ - Universidade Federal de São João del Rei - e Doutorando do CPDA/UFRRJ. [otidneb@ufsj.edu.br](mailto:otidneb@ufsj.edu.br) tel: 21 2704-0427 ou 9301-2971. Adaptação do texto Sobre a Cooperação escrito por Lenin, que consta na seqüência desta 'adaptação-texto'.

alcançávamos agora esse degrau. E é indubitável que, tendo-o alcançado, o aproveitamos muitíssimo pouco.

Ao **sugerir uma nova proposta de desenvolvimento** fomos demasiado longe, não no sentido de termos dedicado demasiado lugar ao princípio da indústria e do comércio livres,( ) fomos demasiado longe no sentido de que nos esquecemos da cooperação, de que subestimamos agora a cooperação e começamos já a esquecer a gigantesca importância da cooperação nos dois aspectos acima indicados desta importância.

**O governo atual deve agora se propor a conversar com os brasileiros** sobre o que se pode e se deve fazer praticamente agora mesmo, partindo desse princípio cooperativo. Com que meios se pode e se deve começar a desenvolver hoje esse princípio cooperativo de tal modo que para todos e para cada um seja claro o seu significado socialista?

É necessário organizar politicamente a cooperação de modo que a cooperação não só tenha em geral e sempre certas vantagens, mas que essas vantagens sejam de ordem puramente material (taxa de juro bancário, etc.). É necessário conceder à cooperação meios do Estado que ultrapassem, ainda que pouco, os meios concedidos às empresas privadas, mesmo até ao nível dos concedidos à indústria pesada, etc.

Cada regime social surge apenas com o apoio financeiro duma classe determinada. É desnecessário recordar as centenas e centenas de milhões de **reais** que custou o nascimento do 'livre' capitalismo. Agora devemos ter consciência e pôr em prática a verdade de que o regime social que no presente devemos apoiar acima do habitual é o regime cooperativo. Mas é preciso apoiá-lo no verdadeiro sentido da palavra, isto é, por tal apoio não basta entender o apoio a qualquer comércio cooperativo; por este apoio deve entender-se o apoio prestado ao comércio cooperativo no qual *verdadeiramente participem verdadeiras massas da população*. Dar um prêmio ao **pequeno produtor rural e urbano** que participa no comércio cooperativo é uma forma absolutamente justa, mas, ao mesmo tempo, verificar essa participação, verificar a sua consciência e a sua qualidade – eis o fulcro da questão. Quando um cooperador chega a uma **comunidade** e organiza ali um estabelecimento cooperativo, a população, estritamente falando, não participa nada disso, mas, ao mesmo tempo, e guiada pelo seu próprio interesse, apressar-se-á a tentar participar nele.

Esta questão tem, ainda outro aspecto. Resta-nos pouco a fazer do ponto de vista do **brasileiro** 'civilizado' (antes de mais nada alfabetizado) para obrigar todos sem excepção a participar, e a participar não passiva, mas ativamente, nas operações cooperativas. Propriamente falando resta-nos apenas uma coisa: tornar a nossa população tão civilizada que compreenda todas as vantagens da participação de todos na cooperação e organize essa participação. Apenas isto. Não precisamos agora de nenhuma outra sabedoria para passar ao socialismo. Mas para realizar este apenas é necessária toda uma revolução, toda uma fase de desenvolvimento cultural da massa do povo. Por isso a nossa norma deve ser: o mínimo possível de filosofias e de artificios. Neste sentido a **política de desenvolvimento que será apresentada ao Brasil** representa já um progresso, pois se adapta ao nível do **trabalhador** mais comum e não lhe exige nada superior. Mas para conseguir, por meio da **dessa proposta de desenvolvimento**, que toda a população sem excepção participe nas cooperativas, é necessária toda uma época histórica. Essa época podemos percorrê-la, no melhor dos casos, em um ou dois decênios. Mas será uma época histórica especial, e sem esta época histórica, sem a alfabetização completa, sem um grau suficiente de inteligência, sem habituar suficientemente a população a utilizar os livros e sem uma base material para isso, sem certas garantias, digamos, contra as más colheitas, contra a fome, etc., sem isso não podemos alcançar nosso objetivo. Toda a questão reside agora em saber combinar esse impulso revolucionário, esse entusiasmo revolucionário, que já revelamos, e revelamos em suficiente quantidade, e que coroamos com um êxito total, saber combiná-lo com a capacidade de ser (estou tentado a dizê-lo) um comerciante inteligente e instruído, o que é

absolutamente suficiente para ser um bom cooperador. Por capacidade para ser um comerciante entendo a capacidade de ser um comerciante culto. Que o recordem bem os **brasileiros** ou simplesmente os camponeses, que julgam que por fazerem comércio já sabem ser comerciantes. Isto é completamente falso. Fazem comércio, mas daí a saber ser comerciante culto há uma grande distância. Agora fazem comércio à maneira asiática, enquanto para saber ser comerciante é necessário fazer comércio à maneira européia. E disto separa-os toda uma época.

Termino: uma série de privilégios econômicos, financeiros e bancários à cooperação; nisto deve consistir o apoio prestado pelo nosso Estado ( ) ao novo princípio de organização da população. Mas com isso o problema está colocado apenas em linhas gerais, porque aqui ainda fica por determinar e descrever pormenorizadamente todo o conteúdo da tarefa prática, isto é, é preciso descobrir a forma dos prêmios (e as condições para a sua entrega) que daremos pela cooperação, a forma dos prêmios pela qual ajudaremos suficientemente a cooperação, a forma dos prêmios que nos permita formar cooperadores cultos. Com a propriedade social dos meios de produção, com a vitória de classe do proletariado sobre a burguesia, o regime dos cooperadores cultos é o regime socialista.

4 de janeiro de 1923.